

O “NOVO RECIFE” E A REPRODUÇÃO DA METRÓPOLE MODERNA: UMA ANÁLISE DO PROJETO “NOVO RECIFE” À LUZ DA RELAÇÃO METRÓPOLE-MODERNIDADE

Alexandre Sabino do Nascimento
Universidade Federal de Pernambuco
alexurbmatrix@msn.com

Introdução

Em o “Manifesto Comunista” Marx já se debruçava sobre a modernidade e suas vicissitudes como seu duplo movimento: “Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado”. Essas se tornaram máximas deste período e uma característica própria do mesmo que é a sua ambivalência. As cidades têm passado por transformações desde sempre, principalmente, desde o período intitulado por vários pensadores, depois de Marx, de modernidade¹ – Georg Simmel, Walter Benjamin, Marshall Berman, Henri Lefebvre, Zygmunt Bauman, David Harvey entre outros.

Contudo nas últimas décadas temos observado que as mudanças são demasiadamente mais intensas e cada vez mais rápidas. Sendo assim cada vez mais difíceis de serem captadas, assimiladas e refletidas. Não é possível pensarmos no capital e suas metamorfoses de forma desconectada da maneira como o espaço é produzido, apropriado e dominado como mercadoria. As transformações não se dão mais somente na esfera da produção, mas, hoje, principalmente, no âmbito do consumo e reprodução das relações de produção. Alguns autores já falam da emergência de uma “Sociedade do Consumo” ou “Burocrática do Consumo Dirigido” (Lefebvre, 1991; Jameson, 2006).

Concomitantemente a isto, nas metrópoles, tem se multiplicado discursos ligados a crise da cidade, sendo esta vista como espaço da criminalidade; violência; com abandono e degradação de seu patrimônio histórico-cultural e ambiental; decadência de suas

¹ Para Marshall Berman em seu livro “Tudo que é sólido se desmancha no ar” a Modernidade seria um tipo de “experiência vital — experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida — que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje [...] pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (1982, p.14). O mesmo faz um histórico da Modernidade, e afirma que a mesma tem sua primeira fase no início do século XVI que e vai até o fim do século XVIII.

infraestruturas; déficit habitacional; queda do emprego formal; ampliação da informalidade e ilegalidade, e estrangulamento da mobilidade.

Destaca-se que não é de hoje que discursos como estes são elaborados em nome de uma reestruturação e modernização² das cidades e supostas saídas de crises. Walter Benjamin em seu texto “A modernidade e os modernos” afirma como as ações de Haussmann em Paris, iniciadas em 1859, estavam embebidas deste discurso e como a população da mesma se fez refém deste discurso e resignou-se com tudo que estava ocorrendo.

Essa crise da cidade e/ou seu discurso “terrorista” impede seus cidadãos de usufruírem e/ou fluírem na mesma, surgem assim questões como as que dizem respeito à confiança e ao medo na cidade. Para Bauman (2009) esse medo e o desejo de um “porto seguro”, que praticamente nunca é encontrado relacionam-se com a construção de um processo *sociourbanístico* que cria e generaliza uma nova sensação de insegurança.

Ligado a isso tem-se a ascensão de um discurso do colapso do planejamento urbano moderno, substituído por um ajuste urbano correspondente ao ajuste estrutural da economia que, por sua vez, envolve uma fragmentação da ação política nas cidades, com ações cada vez mais pontuais, que em metrópoles desiguais como Recife exacerbam sua já latente segregação sócio-espacial.

Observa-se neste estudo a promoção de projetos voltados para o desenvolvimento urbano através da produção de imagens – símbolos - de cidade no contexto de grandes projetos urbanísticos espetaculares, geralmente, associados a políticas culturais e de preservação do patrimônio histórico-arquitetônico, como também à criação de grandes equipamentos públicos ligados a uma economia dos serviços e entretenimento³, ou ligados ao discurso do progresso e do novo como saída para a crise urbana, sendo bastante solicitados em cidades que se propõem a serem destinos turísticos globalizados como Recife eleita sub-sede da Copa do Mundo de 2014⁴ (Arantes, 2000; Harvey, 2005; Jameson, 2006).

2 Entende-se aqui modernização nos termos de Berman (1982) como os processos sociais que dão vida a modernidade ou vida moderna.

³ Anselmo Alfredo (2006) baseando-se nas reflexões de Lefebvre sobre o cotidiano como parte da extensão do tempo de não-trabalho que, na reprodução das relações sociais de produção, é incorporado ao mundo da mercadoria. Fala da espetacularização do consumo, e cita Lefebvre quando diz que “Os espaços de lazer constituem objeto de especulações gigantescas, mal controladas e frequentemente auxiliadas pelo Estado. (Lefebvre, 1977 apud Alfredo, 2006, p. 67).

⁴ Na obra “As Passagens” Benjamin também toma como exemplo as ‘exposições universais’ que seriam “os lugares de peregrinação do fetichismo da mercadoria” o momento real e vivo do valor de troca.

Assim aparece o objeto empírico de nossa pesquisa como um projeto que tende a dar um novo conteúdo à área central da metrópole de Recife, o Projeto Novo Recife. Alvo de polêmicas e de discussões calorosas, pelo menos ao nível de alguns representantes da sociedade civil organizada, tecnocratas e seus promotores, esse projeto aparece em um cenário de uma cidade que passa por uma mutação em suas estruturas, formas e funções que representam respectivamente um ímpeto e um chamado à mesma a se modernizar e seguir os passos de outras metrópoles pelo mundo afora, que responderam, ao seu tempo, aos chamados do processo de globalização e de ajuste estrutural de suas economias, e se metamorfosearam em cidades signos da modernidade, ou para alguns já de uma pretensa pós-modernidade. (Jameson, 2006).

Destaca-se que nas metrópoles obras de mobilidade e de moradia são usadas como alibi para um milionário movimento de construção que, contudo, ignora os interesses e reais necessidades da população. Sobre esse papel dos grandes negócios da produção do espaço urbano no processo de acumulação ampliada do capital, via produção de capital fixo dentro do fenômeno da globalização neoliberal, Maricato avulta

As cidades ocupam um papel importante no processo de acumulação no capitalismo globalizado, do qual, por ocasiões dos meganegócios, o espaço urbano, as obras de infraestrutura e as edificações constituem parte essencial. [...] Desregulamentação, flexibilização e privatização são práticas que acompanharam a reestruturação das cidades no intuito de abrir espaço para os capitais imobiliários e de infraestrutura e serviços. (Maricato, 2014, p. 19).

Para analisar e embasar esse processo privilegiamos uma análise baseada no entendimento do processo de produção e apropriação do espaço urbano, ligado as transformações do uso do espaço público, da cultura nas cidades - e suas ideologias implícitas ou não - e de como a sua análise ligada aos conceitos de espaço, identidade, cotidiano, moderno/modernidade, ideologia e utopia podem nos oferecer excelentes pistas para tentarmos desvendar os fenômenos pelos quais passam as metrópoles modernas.

Assim a pesquisa se divide da seguinte forma, primeiro irá discutir-se com base em G. Simmel, M. Santos, H. Lefebvre, D. Harvey, W. Benjamin, entre outros, o papel da identidade, do cotidiano e das relações de produção, e suas relações com o espaço na metrópole moderna e “pós-moderna”. Em segundo passamos ao debate em torno da (re)produção de espaços para cultura ou para o mercado e sua ideologia implícita, onde apoia-se em autores como V. Berdoulay, D. Harvey, H. Lefebvre, W. Benjamin e outros, aonde,

também, realiza-se uma sucinta análise de nosso estudo de caso, neste texto, que é o projeto Novo Recife e suas possibilidades conceituais e teóricas de análise, como a que se liga ao papel dos movimentos sociais e da utopia na produção da cidade moderna.

Identidade, cotidiano e espaço na metrópole moderna: algumas considerações

O sociólogo Georg Simmel, no início do século XX, tratando sobre as exigências do mundo moderno pós-revolução industrial afirmava que uma investigação que penetrasse no íntimo da vida especificamente moderna e seus produtos, e também na alma do corpo cultural, deveria buscar resolver a equação que estruturas como a metrópole dispõem entre os conteúdos individual e superindividual da vida, e assim entender como a personalidade se acomoda nos ajustamentos às forças externas, que naquele momento começavam a se intensificar como nunca, e que hoje, de maneira mais intensa, bombardeiam o indivíduo com uma série de informações, imagens, normas etc. como nunca antes. (Simmel, 1976)⁵.

Simmel realizando uma abordagem sociopsicológica afirma

O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais – todas essas formas de impressão gastam, por assim dizer, menos consciência do que a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos do inesperado de impressões súbitas. (Simmel, 1976, p. 12).

Para Santos (1994) vivemos, atualmente, o tempo da aceleração contemporânea, onde as acelerações são momentos culminantes na História, como se abrigassem forças concentradas, explodindo para criarem o novo. O mesmo afirma “Daí, a cada época, malgrado a certeza de que se atingiu um patamar definitivo, as reações de admiração ou do medo diante do inusitado e a dificuldade para entender os novos esquemas e para

⁵ Essa questão que Simmel coloca é espinhosa e depois dele muitos outros a fizeram, onde podemos destacar George Lukács em sua obra “História e Consciência de Classes”; Walter Benjamin em sua grande obra “As Passagens”; Henri Lefebvre com seus estudos sobre o ‘Cotidiano’ e a vida moderna e seu papel na reprodução das relações sociais (de produção), e podemos chegar até a Guy Debord com sua análise do que nomeou “Sociedade do Espetáculo”, cada um ao seu modo e em seu contexto analisou essas grandes transformações por qual passava a sociedade e seus reflexos em várias dimensões sociais (cinema, arquitetura, metrópole, cultura etc.).

encontrar um novo sistema de conceitos que expressem a nova ordem de gestação” (Santos, 1994, p. 12).

Sobre isso, voltando-se a Simmel, o mesmo conclui que tais são as condições psicológicas que a metrópole cria. Isso nos faz refletir sobre o indivíduo em nossas metrópoles contemporâneas. Onde se indaga qual seria o comportamento deste homem descrito por Simmel num espaço como o de um shopping center, hoje? E em uma paisagem como a de algumas metrópoles brasileiras, inclusive Recife, que viraram verdadeiros canteiros de obras e local de publicidade pesada de apelo ao consumo, que não para há um só instante de bombardear a todos com estímulos para o consumo? Levando a um certo terrorismo ligado aos mecanismos de reprodução da vida cotidiana no mundo moderno analisados por Lefebvre (1991).

Sobre essa descontinuidade aguda na formação da paisagem e seus efeitos na percepção do tipo metropolitano de indivíduo cabe destacar que W. Benjamin na introdução do livro “As Passagens” em sua exposição sobre “Paris, Capital do Século XIX” trata de uma Paris que tem em seu coração social a emergência de uma nova fisionomia – a metrópole – no século XIX, onde se iniciava seu processo de formação, sobretudo na construção de numerosas linhas férreas, modificando-se o “físico” da cidade parisiense, principalmente com o advento da arquitetura moderna em sua emancipação. Essas transformações seriam a raiz para se entender a origem, o significado e a formação das futuras cidades metropolitanas.

Sobre todas essas mudanças e as relações que podem ser originadas das mesmas como, também, a (re)produção de novas configurações do espaço no cotidiano Lefebvre em “L’État” afirma que

Não seria muito insistir sobre a alta complexidade das relações entre ‘a sociedade’, cidadãos e habitantes, e a cidade, o urbano, o espaço. Para o indivíduo, a cidade que o cerca é a uma só vez o lugar do desejo (dos desejos: os que os estimulam, os multiplicam, os intensificam) e o conjunto dos embaraços que pesam sobre os desejos, que inibem o desejo. É dentro do urbano que se instala, se instaura, se institui o cotidiano. Entretanto a cidade suscita o sonho e o imaginário (que exploram o possível e o impossível, os efeitos da riqueza e do poder” (Lefebvre, 1978, p. 06)

Hoje, podemos observar, inclusive na metrópole do Recife, a produção de um ‘circuito espacial’ produtor de um vida cotidiana (Lefebvre, 1991) ligada a reprodução das relações capitalistas de produção via a construção de algumas formas espaciais representantes

destas novas espacialidade e temporalidade nas metrópoles, formas que articulam as partes fragmentadas das cidades, verdadeiras ilhas modernas e de prosperidade, que se conectam via a emergência cada vez maior de obras viárias como vias expressas, pontes e viadutos. Locais como shoppings, e os, condomínios e loteamentos fechados que emergem numa profusão de novos lançamentos que viabilizam esse caráter transitório da sociedade, vinculado à alta mobilidade e circulação do capital.

A produção destes espaços gera estímulos que levam muitas vezes a busca de uma “nova” mercadoria especial que é a ‘qualidade de vida’ urbana contraposta à crise e caos urbano. Que pode estar ligada à produção do espaço por um novo urbanismo *revanchista* (Smith, 1996), que procurar trazer de volta ao centro sua opulência, glamour e seu espaço visto como obra (Lefebvre. 1999).

Tudo isto incluso dentro do processo de globalização da cultura, que na sequência da internacionalização da economia e do capital, como também do desenvolvimento dos transportes e dos meios de comunicação, introduz novos modelos de vida urbanos, que procuram transformar os estilos de vida dos agentes sociais, assim como as suas aspirações e formas de intervenção no espaço urbano, contribuindo para questionar a permanência de determinados contextos sociais tradicionais, muitas vezes marginalizados, com forte peso de uma cultura local própria, mas ao mesmo tempo manter estes espaços ligados a uma cultura urbana estetizada.

De volta a Simmel o mesmo afirma que diante da extração de consciência maior que a vida metropolitana retira do homem, diferentemente da vida no campo, na cidade o mesmo usa seu intelecto para acomodar-se à mudança e aos contrastes de fenômenos (como também às contradições da metrópole). Isso faz com que o tipo metropolitano de homem, com suas variantes, desenvolva um órgão que o protege das correntes e discrepâncias ameaçadoras de sua ambientação externa, as quais, ao contrário, o desenraizariam. Sobre isso Simmel, que não é um autor marxista, afirma

A metrópole sempre foi a sede da economia monetária. Nela, a multiplicidade e concentração da troca econômica dão uma importância aos meios de troca [...] A economia monetária e o domínio do intelecto estão intrinsecamente vinculados. Eles partilham uma atitude que vê como prosaico o lidar com homens e coisas; e, nesta atitude, uma justiça formal frequentemente se combina com uma dureza desprovida de consideração” (Simmel, 1976, p.13).

Neste fragmento podemos ver como uma razão instrumental weberiana se alia a lógica do sistema produtor de mercadorias ao qual Marx dedicou sua vida a compreender. Podemos também seguindo Lefebvre entender a lógica da produção de espaços abstratos ou econômicos como equivalentes gerais ou a transformação de valores de uso em valores de troca, de espaços públicos em espaços privados, como o que acontece com o projeto Novo Recife, e assim por diante. (Lefebvre, 1978).

Assim vemos que tipo de identidade a vida na metrópole moderna produz, e também podemos entender como cada vez mais estão sendo produzidos espaços com a lógica da mercadoria, e como se pode analisar a partir das ideias de Lefebvre quando este afirma que em nossas cidades cada vez mais o espaço é produzido e reproduzido como valor de troca, dentro do processo de homogeneização, fragmentação e hierarquização. Sendo assim um espaço concebido, imaginado e criado para a troca o que vai de encontro a um espaço vivido fruto da experiência e do uso⁶.

Assim vemos as lutas ou apelos nas cidades em prol de um Patrimônio Artístico Cultural e Arquitetônico como no projeto Novo Recife, pois o mesmo localiza-se no Cais José Estelita em área de entorno de monumentos tombados pelo IPHAN. Pela lei, essas áreas de entorno possuem restrições, justamente para possibilitar a visualização dos monumentos tombados, cujo deleite da paisagem pertence a todos os cidadãos. Destaca-se que este será realizado e um dos bairros mais tradicionais da cidade, numa das paisagens culturais mais identificadoras da mesma, pela sua magnitude⁷, pois trata-se de um megaprojeto que alterará de forma irreversível a paisagem simbólica da cidade. (Figura 01).

⁶ Dentro do pensamento lefebvriano exposto como uma teoria espacial temos segundo Seabra (1996) citada por Alfredo (op. cit., p. 68) que “Abre-se assim o pensamento para a formulação de uma teoria unitária do espaço que sintetiza o natural (quadro físico), o mental (os espaços de representação e ou representações do espaço) e o social, com a prática correspondente, vista já, como prática espacial. Formula-se assim, o conceito de espaço social. Para operar com ele é preciso ir discernindo três níveis do real: o percebido, o vivido e o concebido, em cuja assincronia se apreciariam confrontos e conflitos, o movimento do devir”.

⁷ O projeto Novo Recife consiste em 13 torres (sendo duas delas duplas, então você veria 15 edifícios) entre 36 e 45 andares, divididas em cinco grandes quadras. As torres residenciais ficam em grandes condomínios que tomam a quadra respectiva inteira, isolados da rua e sobre bases de estacionamento de quatro andares ou mais (DIREITOS URBANOS, 2012).

Figura 01 – Perspectiva eletrônica do projeto Novo Recife publicada no site da construtora



Fonte: Página do Grupo Direitos Urbanos⁸ (2012).

O espaço abstrato, espaço da expropriação, abriga velhas contradições, que permaneceram através da história e, principalmente, novas contradições concernentes ao modo de produção capitalista. E que estas se expressam no confronto entre espaço abstrato, ou a externalização de práticas econômicas e políticas que se originam com a classe capitalista e o Estado, e o espaço social, ou espaço de valores de uso produzidos pela complexa interação de todas as classes na procura da vida cotidiana. (Lefebvre, 1991b).

Hoje na sociedade recifense existe uma batalha em torno da produção do espaço, que se consubstancia na luta entre empreendedores urbanos (Construtora Moura Dubeux) e Estado contra grupos e movimentos sociais (Ocupe Estelita), sobre o projeto Novo Recife - representante da produção do espaço abstrato do capitalismo (Figura 01). Isso fez surgir no Recife um movimento de ocupação do espaço público com inspiração no Occupy Wall Street, que convocou todos os descontentes com a forma que se articulou o consórcio Novo Recife Empreendimentos a tomar as calçadas dos armazéns do Cais José Estelita para impedir sua destruição.

⁸ Disponível em: <http://direitosurbanos.wordpress.com/2012/05/13/respostafolhasp/>. Acesso: 04 dez. 2014.

Com apoio de diversos segmentos da sociedade, o Ocupe Estelita não se opôs apenas à criação, na região central do Recife, de pelo menos 12 torres, algumas com mais de 40 andares. O movimento também busca manter vivo o debate sobre o modelo de ocupação verticalizado que a cidade adotou nas últimas décadas. No alvo, também está a controversa construção de quatro viadutos sobre a Avenida Agamenon Magalhães. Além de semelhanças com o Occupy Wall Street, como a falta de programa e a coordenação difusa, o Ocupe Estelita aproxima-se de mobilizações como o movimento paulistano Baixo Centro, associando ações culturais ao discurso político.

Figura 02– Cartazes do Movimento Ocupe Estelita

**JÁ SÃO
MAIS DE 145**
ENTIDADES DA SOCIEDADE CIVIL
E MOVIMENTOS SOCIAIS DE TODO
O BRASIL QUE ASSINAM MANIFESTO EM
APOIO AO MOVIMENTO OCUPE ESTELITA

Veja a lista completa e leia o manifesto na íntegra em
www.ocupeestelita.com.br

Ainda queremos mais adesões! O manifesto está aberto.
Qualquer entidade ou movimento que desejar aderir, envie email
para ocupeestelita@gmail.com

#OCUPE
ESTELITA

A CIDADE É NOSSA. OCUPE-A.

UMA LIÇÃO DE CIDADE

AULA PÚBLICA: CONVERSA COM ESPECIALISTAS DE VÁRIAS ÁREAS PARA PENSAR OS RUMOS DA CIDADE, A PARTIR DO PROJETO NOVO RECIFE E DO MOVIMENTO #OCUPE ESTELITA.
OCUPINHO: ATIVIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS PARA CRIANÇAS

SÁBADO, 26/07, ÀS 17H, NO PARQUE DONA LINDU



ESTE LITA

QUAL RECIFE QUE A GENTE QUER?

Uma cidade menos desigual e cujos espaços públicos são harmonicamente ocupados por seus habitantes? Ou uma metrópole paralisada por um trânsito caótico e sufocada por torres que impedem inclusive a ventilação de nossas vias? Você sabe o que o #OcupeEstelita tem a ver com tudo isso?

O #OcupeEstelita é um movimento popular contra um projeto imobiliário de luxo, o Novo Recife, que pretende construir 12 prédios de 40 andares numa área de valor histórico, arquitetônico, urbanístico e paisagístico do Recife, o Gais José Estelita. Apesar da publicidade dizer que o projeto é bom para a cidade, especialistas de várias áreas de atuação dizem que não. Informe-se melhor, venha conversar com a gente!

**ACOMPANHE AS PÁGINAS
DESSA MOBILIZAÇÃO POPULAR
NO FACEBOOK:**

#MOVIMENTODIREITOSURBANOS
#OCUPEESTELITA
#RESISTEESTELITA



Fonte: Página do Facebook do Movimento Ocupe Estelita⁹ (2014).

É interessante analisar-se aqui o papel dos movimentos sociais urbanos, e suas limitações. Muitos deles ainda insuflados pelas teses althusserianas, onde os mesmos conquistavam o caráter de vanguarda da luta política das esquerdas, o que inspirou Castells a escrever “*The city and the grassroots*”. Para Lefebvre tais movimentos a despeito de seu potencial mobilizador originam-se e organizam-se em torno de reivindicações particulares (ciclovias, espaços públicos como parques etc.) e relativas ao consumo no/do ambiente construído, onde somam diferentes setores sociais que partilhariam uma mesma posição de classe em termos de consumo do espaço, mas não vão além disso. Sobre isso Limonad & Lima (2003, p. 18) afirmam

De fato os movimentos sociais urbanos, a despeito de seu potencial mobilizador são forjados e organizam-se em torno de reivindicações relativas ao consumo no ambiente construído, congregam, assim diferentes setores sociais de um ponto de vista dialético, mas que partilhariam uma mesma posição de classe em termos de consumo, de um ponto de vista weberiano.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.320104821469838.1073741828.320033178143669&type=3>. Acesso em: 30 nov. 2014.

Movimentos como o Ocupe Estelita, aparentemente, seguem a lógica lefebvriana de lutas contra a cisão entre valor de uso e de troca do espaço urbano, na qual a sociedade fetichizada é reduzida ao mercado e a festa assoma como a possibilidade de impregnar de não cotidianidade o cotidiano. Assim a constatação de que a festa não desaparece inteiramente do cotidiano, seja nos encontros, festejos, carnaval, mobilizações, é que leva Lefebvre a considerar que a revolução (violenta ou não) adquire um sentido novo: ruptura do cotidiano, restituição da festa, sendo este o escopo da revolução possível (virtual) (Lefebvre, 1991b, 1999). Onde temos em Recife esse tipo de ativismo com a organização de mobilizações muitas vezes ligadas há um caráter festivo e de uso e fruição do espaço da cidade. (Figura 02).

Figura 02 – Recife e a restituição da festa no espaço urbano



Fonte: página do Facebook do Movimento Ocupe Estelita (2014).

Assim temos o urbano enquanto espaço primeiro dos encontros, do ajuntamento (festa), e no apregoamento de um direito à cidade que pode resgatar o valor de uso ante a

lógica das cadeias de equivalência do capitalismo, que transforma tudo, inclusive os espaços da cidade, em valores de troca. Destaca-se que Lefebvre viveu o calor dos acontecimentos políticos do pós-guerra na França onde participou da resistência, e que viveu a Frente Popular e a Libertação como “festas gigantes”. Sobre a restituição da festa no espaço do cotidiano Cunha et. al. (2003) cita trecho de Lefebvre que diz

A ruptura do cotidiano fazia parte da atividade revolucionária e sobretudo do romantismo revolucionário. Em seguida a revolução traiu essa esperança, tornando-se igualmente cotidiana: instituição, burocracia, organização da economia, racionalidade produtivista (no sentido estreito do termo produção). Diante desses fatos, perguntamos se o termo ‘revolução’ não perdeu seu sentido. (Lefebvre, 1970 apud Cunha et. al. 2003, p. 75).

Destaca-se aqui a dimensão que o movimento Ocupe Estelita assumiu, e a expansão de sua luta, como também o caráter exemplar de possibilidade de enfrentamento da lógica capitalista de produção da cidade. Fato que impele um áurea de “*Rebel Citié*” (Harvey, 2014) a cidade do Recife. Podemos perceber isso na reportagem do jornal O Globo¹⁰ que afirma:

Uma empreiteira compra um terreno público à beira-mar de uma capital brasileira e decide construir ali edifícios de luxo. Moradores da região reagem à especulação imobiliária, fazem manifestações e são repelidos com força policial. O problema não é uma novidade no país. O que se segue é que é bastante incomum: artistas e intelectuais compram a briga e se envolvem a ponto de compor canções, fazer shows, filmes, artes visuais, liberar direitos autorais, destinar cachê e renda de seus produtos em prol da causa. É o que está acontecendo no Recife, no que ficou conhecido como Movimento Ocupe Estelita (MOE). Ativistas e moradores da capital pernambucana, contrários à implantação do projeto “Novo Recife” no Cais José Estelita [...] fizeram uma série de protestos e “ocupações” culturais desde meados do ano [...]. [O movimento acontece desde 2012]. (O Globo, 05 dez. 2014).

Atualmente, vivemos o momento histórico onde a expansão do mundo da mercadoria penetra profundamente na vida cotidiana, reorientando-a sobre sua estratégia, onde a propriedade privada invade-a e redefine o lugar de cada um no espaço, numa prática sócio-espacial ditada pela norma como maneira legítima de garantir acessos diferenciados. Assim é neste processo que o valor de troca ganha uma amplitude profunda, o que pode ser

¹⁰ O Globo “Produção cultural do Movimento Ocupe Estelita ganha fôlego no Recife e já é chamada de ‘novo mangue beat’”. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/producao-cultural-do-movimento-ocupe-estelita-ganha-folego-no-recife-ja-chamada-de-novo-mangue-beat-14730838>. Acesso: 05 dez. 2014.

constatado pela produção dos simulacros espaciais como decorrência das revitalizações urbanas, ou pelas exigências do desenvolvimento do turismo (Carlos, 2001). Como podemos constatar na área central do Recife que além do projeto Novo Recife abriga o projeto Porto Novo¹¹.

Destaca-se que esta (re)produção de espaços para o turismo e o lazer em áreas históricas da cidade fazem menção a busca de uma fuga do cotidiano com o uso do pitoresco, do glamour do antigo e refinado, das assim chamadas por Harvey ‘rendas de monopólio’ do espaço, que numa sociedade onde cada vez mais se produz mercadorias e universaliza-se seu consumo, os “ricos” e detentores de poder, como também uma classe média alta que segue-os por via do ‘efeito demonstração’, precisam se diferenciar dentro deste consumo, e assim recorrem ao consumo destes espaços produzidos com este propósito. Sobre esse fenômeno e suas possíveis consequências Lefebvre assevera,

Por que acontece de ser restaurado o centro das cidades, mais ou menos abandonado, podre, deteriorado? Porque as pessoas de cinema e de teatro, assim como os grandes burgueses cultos, deixam os ‘bairros nobres’ e os ‘subúrbios residenciais’ para se instalar nesses núcleos reconstituídos? A cidade assim como o urbano correm o risco de se tornar a riqueza suprema dos privilegiados, o bem de consumo superior que confere um certo sentido a esse consumo. (Lefebvre, 1991a, 85-86).

Assim, passemos para o próximo tópico onde tentaremos mostrar como a relação entre cultura e espaço serviu e pode continuar servindo à consolidação desta lógica analisada, com a compreensão de como indivíduos e instituições se assenhoram desta relação para a produção de um espaço do não conflitivo (do consenso social) e da identidade cultural única baseada em referentes ideológicos (Berdoulay, 2012), diante dos vários contrastes sociais vividos pelos seus cidadãos. Ou como essa relação pode também ser utilizada pelos mesmos para a superação política desta situação, quebrando as amarras de um cotidiano alienado.

A produção do espaço como mercadoria ou a apropriação do espaço como festa?

¹¹ O projeto Porto Novo visa revitalizar o berço histórico da cidade e transformar antigos armazéns do Porto do Recife, sem operação desde 1992, em espaços de lazer e equipamentos turísticos. Tendo como equipamentos previstos: Terminal Marítimo de Passageiros, o Cais do Sertão Memorial Luiz Gonzaga, Centro de Artesanato e obras de urbanização do cais.

Em seu texto “Espaço e Cultura” Berdoulay (2012) começa ilustrando a relação entre espaço e cultura e sua capacidade de recíproca explicação. E explica que embora cultura seja um termo altamente polissêmico, ele revela uma percepção da diversidade dos modos de vida, dos costumes, dos símbolos ou das práticas que os seres humanos utilizam nas diversas esferas de sua vida pessoal ou coletiva. Sendo que, para o autor, o olhar geográfico nos indica que essas práticas tem uma dimensão espacial, que requerem uma organização do território ou uma interação com o meio ambiente, levando uma adaptação deste ou à sua transformação.

Aí nos perguntamos, qual época marcou mais essa organização do território e essa interação com o meio ambiente, realizando-se com a produção de um espaço racional? A resposta seria: a Modernidade e sua instituição mais forte e representativa o Estado Moderno. Entendendo a modernidade como o “novo” mundo sentido pela penetração inexorável do processo de mercantilização da vida societária. Portanto, dentro de uma dialética entre uma ordem distante e uma ordem próxima (Lefebvre, 1991) ou entre horizontalidades e verticalidades (Santos, 2002).

Em seu livro “Cultura y Simulacro” Baudrillard afirma que na atualidade “la simulación es la miniaturización genética. Lo real es producido a partir de células miniaturizadas, de matrices y de memorias, de modelos de encargo— y a partir de ahí puede ser reproducido un número indefinido de veces” (Baudrillard, 1978, p. 07). Assim está se dando a produção de nossas cidades através de projetos pontuais que representam modelos de urbanismo e gestão vendidos no mercado como fórmulas de sucesso. Assim vem se demonstrando o papel de uma nova postura do Estado em Recife com o desenho da metrópole fundamentado no crescimento de “ilhas de desenvolvimento” que leva à assertiva de que a produção do espaço através de modernizações favorece a obtenção de uma alta lucratividade, dinamizando a atividade imobiliária e incidindo assim de forma primordial no processo de acumulação capitalista (Harvey, 2003; 2011).

Para Arantes (2010) a arquitetura contemporânea está ligada ao polo mais dinâmico e próspero da economia, que na atualidade é o capital na sua forma financeira, e em particular com a indústria do entretenimento e a “nova economia do acesso” com base na renda. Sendo que para este autor esta “[...] arquitetura rentista abdica de certos conteúdos em benefício de usos ‘improdutivos’, próprios à esfera da circulação e do consumo (terminais de transporte, shoppings centers, hotéis, estádios, museus, salas de concerto, parques temáticos etc.). Seu desejo não é mais a seriação e massificação, mas de diferenciação e exclusividade” (Arantes, 2010, p. 164).

Lembrando-se que tudo isso está ligado à produção de um espaço dentro da lógica de um desenvolvimento desigual e combinado com a seleção de espaços a serem beneficiados, e no caso de áreas centrais de cidades, trata-se de uma recentralização seletiva e esta é protagonizada, aparentemente, pelas ditas “novas classes médias” que redescobrem no valor histórico e/ou arquitetônico dos bairros centrais a capacidade de se reinventar social e culturalmente. Mas esse protagonismo ou pioneirismo é aparente, pois como afirma Neil Smith “[...] é patente o fato de que, onde quer que os ‘pioneiros urbanos’ se aventurem, os bancos, as incorporadoras, o Estado e outros atores econômicos coletivos geralmente chegam antes” (Smith, 2007).

Nas últimas duas décadas a cidade de Recife no seu processo de modernização vem sendo palco de projetos políticos refletidos em políticas urbanas, que enveredam na lógica de um planejamento urbano estratégico com fins de inseri-la – e o estado do Pernambuco também – no cenário turístico mundial e impulsionar sua captação turística e de mais-valia global (Santos, 2002), tornando a mesma competitiva no cenário global.

É na área central que surge o grande projeto de desenvolvimento urbano – GPDU intitulado Novo Recife. Em seu memorial justificado entregue pelo consórcio promotor do empreendimento para a análise do mesmo em uma das audiências públicas feitas para discutir o projeto a empresa afirma

O Empreendimento NOVO RECIFE está localizado no Núcleo da Região Metropolitana do Recife, no Centro do Recife. Trata-se de um vazio urbano relevante, posto que sua localização no território confere a gleba uma particular condição de ocupação vocacionada para por serviços do terciário moderno e habitação [...] (Direitos Urbanos, 2012).

Neste documento fala-se até do novo papel das cidades na economia global, e da competição entre as metrópoles pela mais-valia global, enfatizando o papel do Recife na divisão territorial e internacional do trabalho. Sobre isso o mesmo afirma

A integração mundial, contudo, atribuiu um papel adicional às cidades, o de imprimir maior eficiência a suas atividades econômicas, sujeitas a acirrada competição. Neste sentido, o Recife apresenta vantagens competitivas que o colocam na trilha do desenvolvimento estruturado, dos quais destaca-se: vocação e liderança regional como centro de serviços de saúde, de turismo, especialmente de negócios, e de ensino e pesquisa; a disponibilidade de

grandes áreas no centro revelam possibilidades para se acolher empreendimentos de porte; o tecido urbano e o ambiente natural são um convite a integração, resultando na valorização do seu sítio físico, com destaque para o manguezal do estuário dos rios Pina e Jordão ” (Direitos Urbanos, 2012).

Destaca-se que a área do projeto Novo Recife já abrigou o Pátio Ferroviário de Cinco Pontas e a estação de Cinco Pontas, da antiga Rede Ferroviária Federal, hoje desativados, possui localização estratégica, às margens da Bacia do Pina (estuário dos rios Jordão e Tejipió), e estar na linha de ligação entre dois centros de economia dinâmica da cidade, o Recife Antigo e o Bairro de Boa Viagem, na Zona Sul da cidade. Assim é um filão para mercado imobiliário hoje ligado extremamente ao capital financeiro¹².

É oportuno lembrar que esses projetos se ligam a um padrão incutido na cultura da classe média e nas suas representações do espaço, que é o que Harvey chama a atenção de como a qualidade de vida urbana torna-se hoje uma mercadoria tão importante quanto o próprio direito à cidade. Sobre esse processo de reconstrução urbana mundial o mesmo assevera

A qualidade de vida urbana tornou-se uma mercadoria para aqueles com dinheiro, assim como para a própria cidade, num mundo onde o turismo, o consumismo, o marketing de nicho, as indústrias culturais e de conhecimento, e também a perpétua dependência em relação à economia política do espetáculo, tornaram-se os principais aspectos da economia política do desenvolvimento urbano. (Harvey, 2011, p. 143).

Tais características estão presentes tanto na construção do Novo Recife e do Porto Novo na área estudada como também no recém-inaugurado shopping RioMar – apresentado como o maior da região Nordeste e com padrões de sustentabilidade ambiental, como nas obras ditas de mobilidade como a Via Mangue apresentadas como solução de problemas de trânsito e qualidade de vida para os condutores de veículos da cidade.

¹² Sobre a atração de investimentos esta vem criando uma demanda enorme no setor imobiliário da Região Metropolitana de Recife e conseqüente crescimento do setor de construção civil. Cabe aqui apresentar alguns dados do IBGE, apresentados pela Associação das Empresas do Mercado Imobiliário de Pernambuco (ADEMI-PE), sobre este setor que representa 26,1% do PIB da Indústria Geral de Pernambuco. O setor de construção civil cresceu a uma taxa de 21,2% no segundo trimestre de 2010, contra 17,5% da indústria em geral no mesmo período. Destaca-se que internamente a esse desenvolvimento, a fatia das construções imobiliárias representam 53,6% do total da produção do setor imobiliário, na medida em que as obras de infraestrutura representam 21,8% do total. O que falta se deve a serviços especializados para construção, 24,6% (ADEMI). Disponível em: <http://www.ademi-pe.com.br/mercado-imobiliario-ivv/>. Acesso em: 30/07/2014.

Para não concluir...

Por fim, temos uma produção do espaço fragmentado, produção de espaços seletivos, algo próximo do processo de produção do espaço estudado por Henri Lefebvre quando o mesmo afirmava que existiam três momentos: homogeneização, fragmentação e hierarquização. Carlos (2011) afirma que “a reprodução do espaço recria, constantemente, as condições gerais a partir das quais se realiza o processo de reprodução do capital, do poder e da vida humana, sendo, portanto, produto histórico e ao mesmo tempo realidade presente e imediata” (Carlos, 2011, p. 69). Sendo que tudo isto se dá no cotidiano de nossas cidades e implica numa verdadeira revolução na nossa forma de vivê-las e compreendê-las.

Nossa análise partiu do entendimento da lógica de reprodução do capitalismo avançado no mundo moderno e na organização da vida cotidiana, que embota o discernimento dos habitantes das metrópoles (Simmel, 1976) quanto a diferença entre o espaço urbano usado como valor de uso e valor de troca. O conceito de sociedade burocrática de consumo dirigido de Lefebvre mostra a racionalidade e o papel do Estado na condução do processo de organização do capitalismo, e os aspectos ideológicos dessa condução do consumo, assim como do peso disto sobre o cotidiano na vida em nossas cidades contemporâneas.

Entendemos assim que o espaço é a efetivação da simultaneidade necessária à reprodução social das relações capitalistas, e que Lefebvre considera essa simultaneidade como elemento referente à forma do urbano no mundo moderno, pressuposto necessário para a reprodução da sociedade capitalista. Assim a simultaneidade do urbano será a de se apropriar de momentos para a produção de seu espaço para a realização da riqueza na forma valor monetária.

O método de análise de Lefebvre é o regressivo-progressivo que baseia-se no transitar na história e ir além dela. No qual encontramos a forma pela qual ele trata seu objeto “o urbano” como possível-impossível e coloca a fase crítica (atual) como uma verdadeira “caixa preta”. No livro “A Revolução Urbana” Lefebvre (1999) coloca o período das revoluções urbanas, como o no qual se resgataria o solo das servidões devidas à propriedade privada - e por conseguinte da especulação - levando até há uma possível guerrilha urbana.



Fonte: Página do Facebook do Movimento Ocupe Estelita (2014)

Assim conclui-se, preliminarmente, que movimentos como o Ocupe Estelita não se manifestam como uma estratégia de guerrilha urbana, mas o mesmo se vincula ao papel de uma *utopia*, que se empenharia em transcender o institucional, servindo-se da problemática do real e do possível-impossível. Desta forma, neste trabalho compartilha-se da tese de Lefebvre de que a revolução urbana e a democracia concreta (desenvolvida) coincidem. E só por essa via a práxis urbana dos grupos e das classes, ou seja, sua maneira de viver, a morfologia da qual dispõem, pode-se confrontar com a ideologia urbanística hegemônica. Nesse sentido, a contestação se transforma em reivindicação, e por seu turno em mudança social.

BIBLIOGRAFIA

ALFREDO, Anselmo. 2006. **O mundo moderno e o espaço**: apreciações sobre a contribuição de Henri Lefebvre. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, N° 19, pp. 53 – 79.

ARANTES, O.; VAINER, C. B. & MARICATO, E. 2009. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. São Paulo: Vozes.

ARANTES, Pedro Fiori. 2010. **A renda da forma na arquitetura da era financeira**. In: OLIVEIRA, Francisco; BRAGA, Ruy; RIZEK, Cibele. *Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira*. São Paulo: Boitempo.

BAUDRILLARD, Jean. 1978. **Cultura y simulacro**. Barcelona: Editora Kairós.

- BAUMAN, Zygmunt. 2009. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BENJAMIN, W. 1987. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. In. ROUANET, Sérgio. São Paulo. Obras escolhidas. Volume 1, Brasiliense.
- _____. 1987. **Rua de mão única**. In TORRES F.; RODRIGUES, Rubens. Obras escolhidas. Volume 2, Brasiliense.
- _____. 2000. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- BERMAN, Marshall. 1982. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras.
- BERDOULAY, Vicent. 2012. **Espaço e cultura**. In: Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço. CASTRO Iná Elias de (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. 2001. **Espaço-tempo na Metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto.
- _____. 2011. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto.
- CUNHA, Alexandre et al. 2003. **O terror superposto**: uma leitura lefebvriana do conceito de terrorismo e suas relações com o mundo contemporâneo. In: LIMONAD, Ester (org.). **Entre a Ordem Próxima e a Ordem Distante**: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre. Niterói: UFF/GECCEL, pp. 69-97.
- HARVEY, David. 2003. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola.
- _____. 2005. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume.
- _____. 2011. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo.
- JAMESON, Fredric. 2006. **A virada cultural**: reflexões sobre o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LEFEBVRE, Henri. 1978. **O espaço e o estado**. In: De l'Etat. (Vol. IV). Paris: Union Générale d'Éditions, p. 259-324. (Tradução).
- _____. 1991(a). **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Ática.
- _____. 1991 (b). **The Production of Space**. London, Blackwell.
- _____. 1999. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- LIMONAD, Ester, LIMA, Ivaldo Gonçalves de. 2003. **Entre a ordem próxima e a ordem distante**: contribuições a partir da obra de Henri Lefebvre. In: LIMONAD, Ester (org.). **Entre a Ordem Próxima e a Ordem Distante**: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre. Niterói: UFF/GECCEL, pp. 15-33.

MARICATO, E. 2014. **A Copa do Mundo no Brasil**: tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana. In: JENNINGS, Andrew, ROLNIK, Raquel; LASSANCE Antônio [et al.]. **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** 1. ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior.

SANTOS, Milton. 2002. **Natureza do Espaço**. São Paulo: EDUSP.

_____. 1994. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec.

SIMMEL, Georg. 1976. **A Metrópole e a vida mental**. In: O fenômeno urbano. VELHO, O. G.(org.). Rio de Janeiro: Zahar.

YÚDICE, George. 2006. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG.

SMITH, Neil. 1996. **The new urban frontier**: gentrification and the revanchist city. London/ New York, Routledge.

SMITH, N. 2007. **Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano**.